

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

**“O filho eterno”: uma proposta de leitura pelo Método Recepcional**

Neide Biodere  
IFPR [neide.biodere@ifpr.edu.br](mailto:neide.biodere@ifpr.edu.br);  
Diana Patrícia Santana  
IFPR – [diana.santana@ifpr.edu.br](mailto:diana.santana@ifpr.edu.br);

**Eixo 6:** Educação em diferentes contextos, tempos e espaços

**Resumo**

Este trabalho partiu do interesse em realizar pesquisas sobre a leitura literária e intervenções didático-pedagógica por meio de aprofundamentos teóricos e análises de obras literárias, a partir da estética da recepção e método recepcional. Visou aprofundar conhecimentos, planejar e elaborar material didático de leitura literária nessa abordagem; realizar intervenções práticas em sala de aula, para observação da recepção dos estudantes em relação às leituras; Discutir o método recepcional articulado à prática de sala de aula. O problema motivador é a questão do ensino de leitura literária ter se tornado uma das maiores dificuldades do ensino de Língua Portuguesa, por sua apresentação didatizada e engessada nos livros didáticos. Foram aplicados conhecimentos teóricos na elaboração de materiais e aplicação dos mesmos em sala de aula, para discussão de resultados mediante recepção dos estudantes.

**Palavras-chave:** Leitura literária; método recepcional; teoria-prática

**Introdução**

O ensino de literatura não está cumprindo seu principal objetivo que é incentivar a leitura sensível e crítica, que transforme o leitor para que perceba todo o jogo de palavras e compreenda as histórias, os temas poéticos e relacione com a vida, com as pessoas, seus problemas. As aulas de literatura, em sua maioria, baseiam-se em modelos ditados por livros didáticos que por sua vez se preocupam em ensinar de forma rápida, por roteiros e modelos que cumpram com o planejamento de conteúdos pré-estabelecidos e determinados pelas questões cobradas em concursos e vestibulares.

Essa visão, totalmente ligada a uma dimensão utilitária da literatura na escola, culmina, no Ensino Médio, com a metodologia que apontávamos acima, e, por meio de uma metodologia do Ensino da Literatura fracassada na Educação Básica, o jovem brasileiro passa pela escola sem se beneficiar, de fato, da leitura

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

literária. Outro entrave encontramos nesse contexto ao percebermos que, embora muitas proposições sejam desenvolvidas, aplicadas e divulgadas, são poucas as que saem do meio acadêmico e chegam até a escola, que se mantém aquém de muitas possibilidades de aperfeiçoamento na metodologia de ensino de literatura.

Essa abordagem vem de uma tradição teórica ligada ao positivismo, influenciado por abordagens que buscam resultados de aprendizagem superficiais, imediatistas, baseadas em tabelas e fórmulas, mas que funcionam como informações para uma avaliação mensurável de conteúdos organizados por períodos e escolas literárias. Um dos problemas dessa abordagem didática da literatura é a visão unívoca dos fatos, das obras, das correntes e escolas literárias.

Sabe-se que nas últimas décadas, professores, estudiosos e pesquisadores começaram a defender o espaço privilegiado que a Literatura Infantil e Juvenil tem por direito, seja na escola, seja no mercado editorial. Existem, também, diversas pesquisas que revelam ser a obra literária muito mais eficaz para o crescimento do jovem leitor do que livros infanto juvenis que sustentem um tom normatizador e conformador.

Dessa forma, ensinar a literatura pelo método recepcional seria uma forma de ofertar discussões literárias, possibilidades de interpretações, espaço para o sujeito-leitor. Mas é preciso, para isso, criar espaços para a pesquisa e aplicação prática da mesma para observações diretas em sala de aula, não para mensurar resultados quantitativos, mas para perceber como o estudante se comporta como leitor, quando lhe é oportunizada a etapas de leitura do texto literário. nas escolas brasileiras, ao Método Recepcional, sistematizado por Vera Teixeira de Aguiar e Maria da Glória Bordini (1993) e difundido por meio da obra "Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas".

O objetivo deste trabalho é pesquisar sobre o Método Recepcional e criar opções didáticas convergentes e, a partir delas, intervir em sala de aula, para trazer novamente à luz das discussões teóricas a leitura dos estudantes leitores em sala de aula. Provocar uma prática de ensino de leitura pelo método recepcional por meio de obras selecionadas e exploradas em leitura crítica. No decorrer deste trabalho será descrito o método recepcional, bem como aspectos fundamentais da Estética da Recepção – principalmente a partir dos estudos de Regina Zilberman (2012) – a explicação de sua base teórica. Na sequência, será proposta uma

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

exemplificação de aplicação do método em questão, seguindo as etapas arroladas por Aguiar e Bordini, explorando a obra “ O filho eterno” , de Cristóvão Tezza.

A obra tematizou problemas voltados para uma experiência em ser pai de filho com síndrome de Down, mostrando a luta constante do pai e a não aceitação da paternidade de um filho como ele mesmo o descreve, um “mongoloide”. Romance que mistura autobiografia com ficção, narra os conflitos e a vergonha absurda do pai que luta contra a realidade de um erro genético. O nascimento de Felipe despertou uma corrente de emoções na vida de seu pai que teve que enfrentar os preconceitos sociais e inclusive pessoais. “ O filho eterno” se apresenta como pai numa lição de vida que as pessoas que passam pela experiência não relatam e não se expõem.

A análise apresentada neste artigo possui abordagem qualitativa, sendo de natureza aplicada, propondo saberes para aplicação prática. Quanto ao objetivo proposto, o estudo enquadra-se como exploratório-descritivo e o procedimento técnico envolve pesquisa bibliográfica e documental, partindo de conhecimentos já produzidos para explorar o estudo e as práticas de leitura. Também, como propósito de aplicação em forma de intervenção didático-pedagógica, foi realizado material didático que foi aplicado e discutido.

### **Objetivos**

- Aprofundar pesquisas sobre o métodos recepcional por meio de análise de obras literárias e filmes.
- Discutir teorias da estética da recepção a partir de análises de obras literárias;
- Criar materiais didáticos de leitura pelo métodos recepcional;
- Aplicar materiais didáticos preparados a partir do projeto , em sala de aula, para análise da recepção.

### **Metodologia**

Para a condução dos trabalhos utilizamos o método interpretativo orientado pelos pressupostos teóricos do Método Recepcional, criado pelas professoras Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira Aguiar, baseado nos pressupostos teóricos da Estética da Recepção, de Hans Robert Jauss e a Teoria

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

do Efeito, de Wolfgang Iser. Assim, de acordo com o Método recepcional, seguimos os níveis e etapas de leitura relacionados abaixo:

**1ª NÍVEL DE LEITURA - Determinação do horizonte de expectativas da turma**

- 1.ª ETAPA: Leitura não-duplicada;
- 2.ª ETAPA: Projeção e auto inserção simulativa;
- 3.ª ETAPA: Deslocamento e condensação do texto:

**2ª NÍVEL DE LEITURA - Socialização da experiência**

1.ª ETAPA: A constituição coletiva do significado por meio da socialização da leitura;

- 2.ª ETAPA: O confronto com outras propostas de significação;
- 3.ª ETAPA: A percepção da riqueza polissêmica do texto.

**3ª NÍVEL DE LEITURA - Ampliação da experiência**

- 1ª ETAPA - A ampliação dos horizontes de expectativas
- 2ª ETAPA - Apropriação do conhecimento elaborado

Para as autoras, a obra é um signo estético dirigido ao leitor, o que exige a reconstituição histórica da sensibilidade do público para entender-se como ela se concretiza e para isso, deve acontecer a fusão do horizonte de expectativas do autor com a do leitor, para que este reconheça os valores da obra são na medida em que ela produza alteração ou expansão no horizonte de expectativas do leitor, considerando-se os aspectos temáticos e formais. (AGUIAR e BORDINI, 1993).

Consideram, nesse método, algumas convenções constitutivas do horizonte de expectativas, as quais podem ocasionar a aproximação [identificação] ou o afastamento [estranhamento] do leitor em relação à obra. Essas convenções são: 1. sociais – intelectuais – ideológicas; 2. linguísticas – literárias – afetivas, e devem ser levadas em conta em todo o trabalho de leitura.

**Referencial teórico**

As Diretrizes Curriculares Orientadoras para a Educação Básica, buscando resgatar a importância da disciplina na formação humanística do aluno, aponta para uma concepção teórica que rompe com a prática pedagógica tradicional, no que se refere ao ensino da literatura. Ao lançar luz sobre a

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

problemática da historiografia literária, adota uma teoria que atribui ao leitor sua devida importância. É nesse contexto que a Estética da Recepção embasa o ensino da literatura nas escolas.

A obra é um signo estético dirigido ao leitor, o que exige a reconstituição histórica da sensibilidade do público para entender-se como ela se concretiza. É a fusão do horizonte de expectativas do autor com a do leitor. Os valores da obra são reconhecidos na medida em que elas produzam alteração ou expansão no horizonte de expectativas do leitor, considerando-se os aspectos temáticos e formais.

Entre a obra e o leitor, estabelece-se uma relação dialógica. Essa relação, por sua vez, não é fixa, já que, de um lado, as leituras diferem a cada época, de outro, o leitor interage com a obra a partir de suas experiências anteriores, isto é, ele carrega consigo uma bagagem cultural de que não pode abrir mão e que interfere na recepção de uma criação literária particular.” (ZILBERMAN, 2008).

De acordo com a autora o mundo representado pelo texto literário corresponde a uma imagem esquemática, contendo inúmeros pontos de indeterminação. Personagens, objetos e espaços aparecem de forma inacabada e exigem, para serem compreendidos e introjetados, que o leitor os complete. A atividade de preenchimento desses pontos de indeterminação caracteriza a participação do leitor que, todavia, nunca está seguro se sua visão é correta. A ausência de uma orientação definida gera a assimetria entre o texto e o leitor; além disso, as instruções que poderiam ajudar o preenchimento dispersam-se ao longo do texto e precisam ser reunidas para que se dê o entendimento; assim, o destinatário sempre é chamado a participar da constituição do texto literário, e a cada participação, em que ele contribui com sua imaginação e experiência, novas reações são esperadas. (Zilberman, 2008).

De acordo com Cademartori (2012), uma narrativa, por fragmentária que seja, a partir de certos princípios, compõe um modelo do real, faz um recorte do mundo e ameniza a mensagem da Esfinge: “decifra-me ou te devoro”. Contar é um modo de refletir sobre os acontecimentos narrados. Quem conta é a voz narrativa, aquela que, dirigindo-se ao leitor, lhe apresenta o mundo criado. E o faz segundo um ponto de vista, a partir do qual é percebida a experiência da personagem. O mundo contado dá forma ao mundo da personagem pela voz do narrador. A construção de nenhuma obra ficcional é, no entanto, completa. O modelo fica para sempre

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

inacabado. A isso se deve o caráter instigante de certas obras que, não importa quantas vezes tenhamos lido, podemos retornar a elas e encontrar surpresas.

Tendo como pressuposto teórico a Estética da Recepção, de Hans Robert Jauss e a Teoria do Efeito, de Wolfgang Iser, as professoras Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira Aguiar elaboraram o Método Receptional, sugerido nas DCOE como uma das possibilidades de trabalho com a literatura. O método possibilita ao aluno o contato com diferentes textos de forma participativa.

O Método Receptional considera algumas convenções constitutivas do horizonte de expectativas, as quais podem ocasionar a aproximação [identificação] ou o afastamento [estranhamento] do leitor em relação à obra. Essas convenções são: sociais – intelectuais – ideológicas – linguísticas – literárias – afetivas.

De acordo com o método, são estabelecidas 5 cinco etapas de leitura: 1ª Determinação do horizonte de expectativas; 2ª Atendimento do horizonte de expectativas; 3ª Ruptura do horizonte de expectativas; 4ª Questionamento do horizonte de expectativas e 5ª Ampliação do horizonte de expectativas.

Jauss considera o horizonte de expectativas como um dos postulados mais importantes da sua teoria. Para ele, todo leitor dispõe de um horizonte de expectativas, o qual diz respeito ao limite do que é visível, porém sujeito às alterações devidas às mudanças de perspectiva do observador. O diálogo entre a obra e um leitor depende de fatores determinados pelo horizonte de expectativas. Em resumo, o horizonte de expectativas de um texto diz respeito às expectativas que o leitor nutre em relação ao texto.

“A qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão somente de seu posicionamento no contexto sucessório do desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios da recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade, critérios estes de mais difícil apreensão.” JAUSS – 1994

Para a estética da recepção, todo texto é uma obra em potencial, que se realiza através da ação do leitor e dos efeitos que nele provoca. O autor, ao invés de impor uma ótica única ao leitor, deve despertar diferentes pontos de vista e deixar perspectivas em aberto. A tarefa do autor é despertar no leitor o desejo de ler. Já a tarefa do leitor é a de formar a partir do texto uma interpretação original que não é necessariamente aquela formulada pelo autor da obra.

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

Também, o método recepcional considera a Teoria do Efeito de Hans Kügler (2009) , postulando que compreender um texto significa ao mesmo tempo personalizá-lo. A aludida relação entre o compreender e a personalização do texto na recepção fica clara caso se entenda “compreender” não como uma captação extro-dirigida por significado pré-projetado (aprender) nem como comentário explicativo de um texto. Constitui-se o compreender, antes de tudo, pelo fato de que o sujeito que compreende percebe, juntamente com o objeto da percepção, a si próprio, de tal modo que o compreender de um objeto sempre inclui também a articulação do autoconhecimento.

Isto significa, no caso da percepção do texto, o simples reconhecimento do círculo hermenêutico, isto é, o aluno não pode, quando da leitura do texto, pôr-se entre parênteses (abstrair-se). Ele se apresenta literalmente como pessoa na recepção. Apresentar-se significa então que o aluno não pergunta inicialmente “o que significa este texto?” (Tomando em consideração o autor, os destinatários, o problema proposto), mas a pergunta na verdade é a seguinte: o que significa este texto para mim?

Assim, na leitura primária, o texto é sempre e em primeira instância texto para mim, sem tomar em consideração o leitor visado por ele e o significado apostado a ele pela teoria da literatura e pela didática; o ser para mim do texto é o lugar da dimensão pessoal da recepção do texto (...). Nos comentários subjetivos do eu, que acompanham a leitura primária, para os quais Brecht já chamou atenção: “Eu também já senti isso”; “Isso eu não tinha pensado”; “isso não se deve fazer”; “Isso não pode continuar”.

Com a condensação da leitura primária em significado articulado, a recepção entra na fase, conhecida de todos nós, de maior ou menor constituição do significado. Ela se distingue da leitura primária pelo fato de que o aluno aprende (este conceito tem agora sentido) a elaborar a experiência de leitura articulada por ele, isto é, seu significado, e assumi-la subjetivamente na comparação e no confronto com outros significados, isto é, não só formal e hipoteticamente, mas também a defendê-la pessoalmente frente aos colegas e ao professor. A leitura de responsabilidade subjetiva entra, assim, no processo de significação coletivo, realizado pelo grupo de aprendizagem e ganha com isso uma opinião pública limitada. A constituição coletiva do significado, a elaboração e confronto dos modos de ler de responsabilidade subjetiva na sala de aula ocorrem, na verdade, (como

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

sabemos todos pela experiência) com uma perda da ilusão lograda na leitura primária e com o acréscimo de tentativas de racionalização da experiência de leitura, mas a dimensão pessoal não poderá a partir de agora, mais ser totalmente reprimida. Se os elementos pessoais da primeira leitura, aqui esboçados, atingem a constituição coletiva do significado e são ali reforçados (contra a expectativa), o ensino literário poderia então ser personalizado, isto é, a leitura de responsabilidade subjetiva complementar-se-ia por meio de uma discussão dialógica e crítica sobre as experiências de leitura entre os alunos.

“A literatura não tem – e não pode ter – compromisso com a transmissão de antídotos a males sociais variados, seja sexismo, racismo, desigualdade social, poluição ambiental e outros. Tampouco lhe cabe a difusão de noções de saúde, higiene, religião, ecologia, história. Ou o texto é pragmático ou é literário. Ou é doutrinário ou é estético. Uma coisa e também outra não consegue ser. Livros em que predominam intenções ideológicas ou pedagógicas, e que têm por objetivo primordial transmitir informações de ordem prática, não privilegiam a fantasia nem a aventura individual do leitor com os sentidos múltiplos que um texto literário é capaz de suscitar”.  
(CADERMATORI, 2012 p.48-49)

Assim, ler obras literárias por esta proposta de pesquisa e intervenção será buscar formas de respeitar o leitor, torná-lo sujeito da construção do texto, explorando sentidos, contextos e extrapolações, para que a leitura literária cumpra seu principal papel que é trazer a fantasia, Promovendo o diálogo entre narrador e leitor, personagens e leitor, criar projeções e permissão de vozes no texto.

Assim, pelos estudos realizados, analisar-se-ão livros, com o intuito de refletir e discutir os fundamentos teóricos do método e a contribuição do mesmo para as leituras realizadas pelos estudantes, por meio de materiais elaborados a partir dessas análises. Ainda, propondo intervenções aos estudantes e discussões teóricas sobre a recepção dos textos realizadas pelos estudantes.

### **Resultados e Discussão**

A Estética da Recepção constitui-se como instrumental teórico adequado para fundamentar, principalmente a partir dos conceitos de *horizonte de expectativas* e *emancipação*, a nossa pesquisa-ação que tem como objetivo



**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

trabalhar com o *Método Receptional* (Aguiar e Bordini, 1993) nas aulas de Literatura nas turmas contempladas com as intervenções planejadas.

As leituras das obras foram realizadas em sala de aula, a partir das etapas do método receptional, conforme atividades didáticas planejadas antecipadamente, como foi objetivado no projeto e, assim, respeitadas as etapas descritas abaixo:

**1º Nível - Determinação do horizonte de expectativas da turma**

1.<sup>a</sup> ETAPA: Leitura não-duplicada: silenciosa compreensão afetiva e formação da ilusão: leitura afetiva e não-crítica, quando o estudante completa as lacunas, os não-ditos do texto, a partir de uma visão bastante particular, efetivando a transposição do real para a ficção.

A leitura do livro inicialmente sem reservas provocou reações como a percepção da linguagem mais acessível, sensações de raiva do pai e pena do filho, de orgulho da esposa e mãe, reações de tristeza, angústia e choro com algumas ações e cenas relacionadas ao menino e ao pai, risos emocionados pelas ações inocentes e puras do menino. Todas as sensações foram colhidas de forma mais espontânea possível.

2.<sup>a</sup> ETAPA: Projeção e auto inserção simulativa: leitor-estudante se insere no texto, experimentando os papéis propostos na história ou se projetando no estado de espírito do eu-lírico.

Passada a sensação de que o pai era vilão, nessa fase, a projeção maior dos estudantes foi a de se colocar no lugar do pai e não do filho, e a catarse, experimentação dos papéis se projetando no estado de espírito dos personagens se deu ao ponto de questionarem o fato de nunca terem se colocado no lugar de seus pais, das angústias que eles podem sentir ao ter que educá-los, na preocupação com o seu futuro. Mas o grande questionamento, em relação ao papel do pai era sobre a dor e a angústia que ele sentia em não conseguir amar esse filho, a preocupação social, a autonomia desse filho. A pergunta era se isso é possível e por quê? Como um adolescente pensa no lugar de um adulto pai.

3.<sup>a</sup> ETAPA: Deslocamento e condensação do texto: o leitor-estudante desloca-se da realidade que está vivenciando para condensar a intenção

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

do autor com a sua.

O deslocamento e condensação permitiu aos estudantes leitores, perceber como o autor criou a ficção com a sua própria história. A história era possível, pois há muitos relatos parecidos da vida real, história de pais que sofrem muito para aceitar um filho com algum tipo de deficiência. A negação é muito comum, só que pela história narrada pelo próprio pai, percebe-se, todos os sentimentos, inclusive os mais obscuros, sentimentos tão reais que chocam. Algumas sugestões de mudanças nas ações dos personagens, na maioria, em relação às atitudes do pai, para que este amparasse mais o filho, à esposa, que buscasse formas menos radicais de se comportar nessa adaptação.

**2º nível de leitura - socialização da experiência:**

1.<sup>a</sup> ETAPA: A constituição coletiva do significado por meio da socialização da leitura com seus pares ocorreu em forma de debate, numa mesa-redonda, assim, alguns relataram trechos da história, comentaram suas opiniões, podendo ouvir diversas leituras e percepções da história.

2.<sup>a</sup> ETAPA: O confronto com outras propostas de significação: leitura individual x outras leituras foi o momento em que o estudante pode pensar se a sua leitura era a ideal para ele mesmo ou ele preferia o modo como seus colegas tinham lido e compreendido. Nesse momento, mesmo sem a consciência de que cada um tem o direito de ler conforme suas crenças e ideologias, acontecem mudanças de leitura, principalmente ao perceberem que as leituras dos outros podem acrescentar, modificar e formar um outro significado.

3.<sup>a</sup> ETAPA: A percepção da riqueza polissêmica do texto: possibilidades de outras interlocuções – proposição de análise de alguns trechos em que a linguagem metafórica, intercalada, sensível, implacável toca o leitor. As interlocuções com as outras artes, com outras vozes também analisadas para que percebam como o autor usa o tempo e os acontecimentos para construir o enredo da história.

**3º nível de leitura - nível da ampliação da experiência:**

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

### **Conclusões**

Pelas reflexões até aqui desenvolvidas, conclui-se que essa proposta de leitura se configurou como um grande desafio aos alunos. Se levarmos em consideração, a etapa da ruptura do horizonte de expectativas, constata-se que a leitura da obra proposta proporcionou uma experiência literária diferente daquelas a que esses estudantes estavam habituados. De fato, houve um processo de estranhamento ao texto e as reações manifestadas claramente demonstraram isso.

É fundamental dizer que não existe texto literário independente da subjetividade daquele que o lê. Também, é utópico pensar que haveria um texto objetivável, sobre o qual os diferentes leitores viriam a projetar-se. E se esse texto existisse, infelizmente seria impossível chegar a ele sem passar pelo prisma de uma subjetividade. Cabe ao leitor concluir a obra e fechar o mundo que ela abre, coisa que ele faz e cada vez de uma maneira diferente. (Bayard apud Rouxel, 2013)

Dessa forma, a diferença de postura dos estudantes leitores mediante a proposta realizada baseada nesse método é muito grande, pois a partir do momento inicial em que se explora as primeiras percepções de cada um, a leitura individual inicial, passando pelas várias etapas até a finalização com a leitura crítica, os estudantes experimentaram uma estética literária diferente daquela a que estavam habituados. Em concordância com Perrone-Moisés (2006, p. 28) quando diz que oferecer aos estudantes apenas o que já consta no seu repertório é subestimar sua capacidade de ampliar esse repertório. Assim, na perspectiva da formação de leitores, a escola possui o papel fundamental de ampliar os repertórios dos estudantes, já que ela talvez seja uma das poucas instituições de acesso à Literatura de que o aluno disponha no meio social em que está inserido.

### **Referências**

AGUIAR, Vera Teixeira de. **O leitor competente à luz da teoria literária**. In: *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, 124:23/34, Jan. – mar., 1996.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura – a formação do leitor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

CADEMARTORI, Ligia. **O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

CANDIDO, Antonio. **Direitos humanos e literatura**. In.: FESTER, A. C. Ribeiro e outros. São Paulo: Brasiliense, 1989.

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

\_\_\_\_\_. **A literatura e a formação do homem.** *Ciência e Cultura*. 24 (9): 803-809, set, 1972.

FREIRE, Marcelino. **Como ler o que não está escrito.** *Revista Na Ponta do Lápis*, Ano XIII, número 30, dezembro de 2017.

ISER, Wolfgang. **O ato de leitura: uma teoria do efeito estético.** Tradução: Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996, v. 1.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético.** Tradução: Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1999, v. 2.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária.** Trad. De Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JAUSS, Hans Robert. **O prazer estético e as Experiências Fundamentais da Poiesis, Aesthesis e Katharsis.** In: LIMA, Luis (org.). *A literatura e o leitor - textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KÜGLER, Hans. **Níveis de Recepção Literária no Ensino.** *Literatur under kommunikation*. Stuttgart: Ernest Keett, 1971. Tradução livre de Carlos E. Fantinati. In: MARTHA, Alice Áurea Penteado e outros. *O ensino da literatura. Relatório de pesquisa, 1987*.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura.** São Paulo: Brasiliense, 1981 (Col. Primeiros Passos).

LIMA, Luiz costa. **A literatura e o leitor – textos de Estética da Recepção.** São Paulo: Paz e Terra, 2011.

ROJO, Roxane (org.). **Escola conectada – os multiletramentos e as TICs.** São Paulo: Parábola, 2013.

\_\_\_\_\_. **Desafios dos (multi)letramentos nas nuvens.** *Revista Na Ponta do Lápis*, Ano IX, número 22, agosto de 2013.

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita:** letramento na cibercultura. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares Estaduais de Língua Portuguesa.** Curitiba, 2008.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. **Estética da Recepção** in: BONNICI Thomas; ZOLIN Lucia Osana (org) *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: UEM, 2004.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino de literatura.** Curitiba: Ibpex, 2010. (Série Literatura em Foco).

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO  
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO  
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 2009.